

# Obras Inéditas

ZAGUT



#FIQUEMCASA  
#STAYHOME

Adriana Montenegro . Alex Araripe .  
Ana Cristina Teixeira . Ana Luiza Mello . Ana Morche . Ana Pose .  
Augusto Herkenhoff . Benjamin Rothstein . Carla Crocchi . Carmen Givoni .  
Celina Nollí . Cerise E. Cesar Paes Barreto . Clara Cavendish . Claudia Tolentino .  
Conceição Duraes . Cunca Bocayuva . Daniela Santa Cruz . Daniele Bloris . Dora Portugal . Ecila Huste .  
Eduarda Serra Barreto . Eduardo Mariz . Francinete Alberton . Gilda Lima . Gloria Conforto . Guta Moraes .  
Guto Goulart . Heloisa Alvim . Hortensia Pecegueiro . Ilda Fuchshuber Falacio . Iraceia de Oliveira . Isabela Bentes .  
Isabella Marinho . Isis Braga . Joao Saboia . Jorge Cerqueira . Jorge Duarte . Lando Faria . Lena Tejo . Let Cotrim .  
Leticia Potengy . Lia do Rio . Liana Gonzalez . Liane Briand . Lizete Zem . Luah Jassi . Lucia Lyra . Luciane Villanova .  
Lucio Volpini . Marcelo Veiga . Marcia Cavalcanti . Maria Cecilia Leão . Maria Perdigão . Maria Veronica Martins .  
Mariza Vescovini . Marta Bonimond . Martha Pires Ferreira . Mauricio Tassi Teixeira . Mauricio Theo . Miro PS .  
Nilton Pinho . Nissin Moussatche . Paulo Mittelman . Pedro Bento . Regina Helene . Regina Moura . Roberto Negri .  
Rose Aguiar . Rose Nobre . Rosi Baetas . Sandra Macedo . Sandra Schechtman . Sergio Graça .  
Silvana Godoy Câmara . Sissi Kleuser . Tatiana Dauster . Teresa Stengel . Teresinha Mazzei . Uiana Bartira .  
Vicente Duque Estrada . Vitória Szejnman .

ZAGUT

Abertura  
13 Março 2022  
16h

Exposição  
Virtual permanente  
[www.espacozagut.com](http://www.espacozagut.com)

# ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

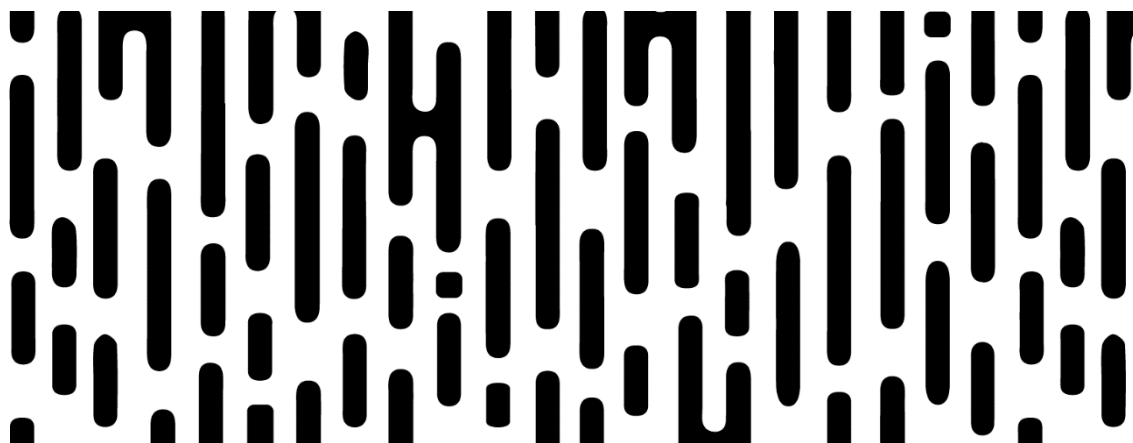
Ensaio crítico: Carlos Taveira

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



## OBRAS INÉDITAS

Estamos vivendo um período complexo da humanidade com uma longa pandemia causadora de milhares de mortes, e um guerra com riscos nucleares. As obras de arte são uma das marcas de tempos tão complexos. Nesta exposição são suportes e temas diversos que são apresentados por um coletivo de artistas ao espectador. Inédito sendo traduzido em outras línguas como unprecedented, sin precedentes, sans précédent. Como a época em que vivemos.

O inédito também reflete o que ainda não ocorreu. O conceito de Paulo Freire, cujo centenário ocorreu há poucos meses, sobre o inédito viável vem sendo utilizado na educação, mas também em outras áreas, como a saúde pública e até mesmo em livro de autoajuda. Se seu criador focava seu trabalho na educação na transformação das relações de opressão, baseada na ação dos oprimidos, se tratando muito mais do que apenas consumir ideias, mas em cria-las, refazendo o mundo com ações provocadas por reflexões, construindo o futuro. Pode ser utilizado em outras áreas como a da saúde, área onde as desigualdades são gritantes e pela maioria das pessoas são vistas como algo normal e sem possibilidade de mudança.

Freire se debruça sobre as inúmeras vezes em que algo parecia um sonho impossível, mas se tornou possível, através de uma utopia inicial e que o inédito se transforma em realidade, através do que chama soluções praticáveis despercebidas, ao superar obstáculos, pelos sujeitos pacientemente impacientes, que assumem riscos, permitindo mudanças mesmo se houver necessidade de rupturas. Isso é claramente colocado na definição de Ana Freire: “O ‘inédito-viável’ é na realidade, pois, uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um ‘percebido destacado’ pelos que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade.”

Quando se consegue um sonho, parte-se para um novo, de forma a construir um futuro mais ético e humano, sonhando em prol do coletivo, construindo superação. Artistas fazem através de suas obras o papel desses sujeitos que nos remete a tantas reflexões, permitindo atingir a alma de forma mais direta do que apenas palavras, ajudando a transformar nossa sociedade.

No prefácio da obra *Pedagogia da Esperança*, Boff pontua: “a história e a existência humana como feixe de possibilidades...que podem...ser levadas à concretização”. E completa: “Daqui nasce a esperança histórica, aquilo que ele chama de ‘inédito viável’...aquilo que ainda não foi ensaiado...que pode, pela ação articulada dos sujeitos históricos, vir a ser ridente realidade”.

Que venham muitos inéditos viáveis!

César Augusto Paro, Miriam Ventura e Kurokawa e Silva. Paulo Freire e o inédito viável: esperança, utopia e transformação na saúde. In: *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, 2020; 18(1):e0022757. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/tes/a/tQFP797gDF8Yc4fLX4fzk3c/?lang=pt#>

*Você me pergunta pela minha paixão  
Digo que estou encantada  
Como uma nova invenção (...)*

*“Mas é você que ama o passado  
E que não vê  
É você que ama o passado  
E que não vê  
Que o novo sempre vem*

*Belchior*

## **O novo.**

Carlos Vinícius da Silva Taveira - Doutor em literatura cultura e contemporaneidade e  
Mestre em teoria da história da arte

No mundo atual a palavra “novo” parecia estar programada para ter uso no exato instante da vitória sobre o vírus que atormenta a humanidade há mais de dois anos e que também viria junto de outras palavras como nas expressões “nova vida” ou “novos projetos”. Porém, o destino parece rir ironicamente de nossos desejos e em fevereiro de 2022 o mundo ainda atravessa a pandemia de covid 19 enquanto é adicionado ao debate público os horrores de um conflito armado entre Ucrânia e Rússia, e que não possui um claro desenvolvimento do seu processo. Aos poucos vai preenchendo a realidade com um nível alto de imprevisibilidade e até mesmo impensabilidade sobre o futuro, ou mesma a significação da palavra “novo”.

Neste caso, o “novo” se mistura com o “velho”, este último, que pensamos que ligaríamos somente ao passado acaba de uma forma inesperada invadindo e ocupando um espaço no presente. Isso difere do que a sociedade estruturou na sua principal forma de organização temporal em linha, partindo de um ponto e chegando em outro. Foi isso com a dinâmica cristã indo do gênesis ao apocalipse, e até com sistemas filosóficos seculares que pensavam que podiam domesticar a história e impor um pensamento teleológico.

Assim na cultura geral do mundo capitalista o “novo” foi vestido de uma roupagem de inovação na aparência e de moralidade positiva em sua essência. Em um contexto cada vez mais tecnológico, o “novo” surge em uma velocidade crescente e cada vez mais intensificada no cotidiano de trocas eletrônicas digitais. Dessa perspectiva, em comunhão com uma conjectura política econômica que dominou parte do século XX, o que estava advir seria sempre melhor, e que se por acaso não fosse, seria simplesmente posicionado como um retardamento do objetivo final. O “novo” se tornaria refém de uma cadeia do tempo organizado em linha e o “progresso” uma base estabilizadora.

Contudo, as artes e a filosofia já abriam fissuras na interpretação do tempo unívoco ou único caminhando para um fim. Nas últimas décadas o filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman chamou atenção para a capacidade da imagem ser uma espécie de operador de temporalidades que misturasse múltiplas camadas de tempo na sua composição e na sua interação com o



espectador. São fragmentos sensitivos que emulam e contaminam trechos de temporais de épocas distintas.

a história das imagens é uma história de objetos impuros, complexos, sobredeterminados. Portanto, é uma história de objetos policrônicos, de objetos heterocrônicos ou anacrônicos. Isso não significa dizer que a própria história da arte é uma disciplina anacrônica tanto negativa quanto positivamente? (DIDIHUBERMAN, 2015, p. 28) <sup>1</sup>

A arte executa uma propagação de tempos em que o instante, ou o acontecimento, cria a composição da obra artística que sempre se encontra em estado aberto de troca e interação com o mundo. Existe uma multiplicidade de contágios que o “novo”, ou o objeto artístico continuamente manterá uma dimensão de “ineditismo”. Isso complexifica as noções de “novo” e “velho” exigindo uma reflexão mais elaborado sobre o papel do tempo.

Dito isto, a noção de tempo é deslocada de um ser constante e estável capaz de ser medida com instrumentos como relógios e calendários para a inclusão das temporalidades resultantes das percepções profundas. Nessa estrutura o “novo” não pode ser metrificado como somente criado em uma data, mas sim, o que poderia estabelecer de relação com o(s) tempo(s) do seu entorno. Em seu livro *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios o filósofo Giorgio Agamben propõe a seguinte leitura:

“A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este, e ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente a época, que em todos os aspectos aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não conseguem manter fixo o olhar sobre ela.”<sup>2</sup>

Isso torna o debate do que seja “arte contemporânea” um desafio a ser enfrentado em toda sua problemática. A exposição “obra inédita” que a galeria Zagut traz sob a regência de Isabela Simões e Augusto Herkenhoff propõe analisar e mexer novamente em categorias que abordamos diariamente, às vezes de forma rotineira, mas que possuem uma profunda complexidade. Uma

---

1 DIDIHUBERMAN, Diante do tempo: p. 28

2 AGAMBEM, Giogio. *O que é contemporâneo?* p. 59

obra inédita, não precisa ter sido criada em um espaço de tempo recente, pois pode ser de outros que se encontram no presente.

Por fim o que caracterizamos como “inédito” pode ser configurado como a experiência que temos com as obras. Cada novo contato, pode revelar uma perspectiva excepcional, o que garante uma dimensão singular e nunca vista de um objeto. Isso permite concluir que as palavras “novo” e “inédito” são apenas meios retóricos de se referir a tudo que constantemente muda e se metamorfoseia. Ao leitor espero que observe as obras dessa exposição incansavelmente, pois, eternamente manterão uma parte de ineditismo, desde que estejamos como espectadores sempre abertos às mudanças.

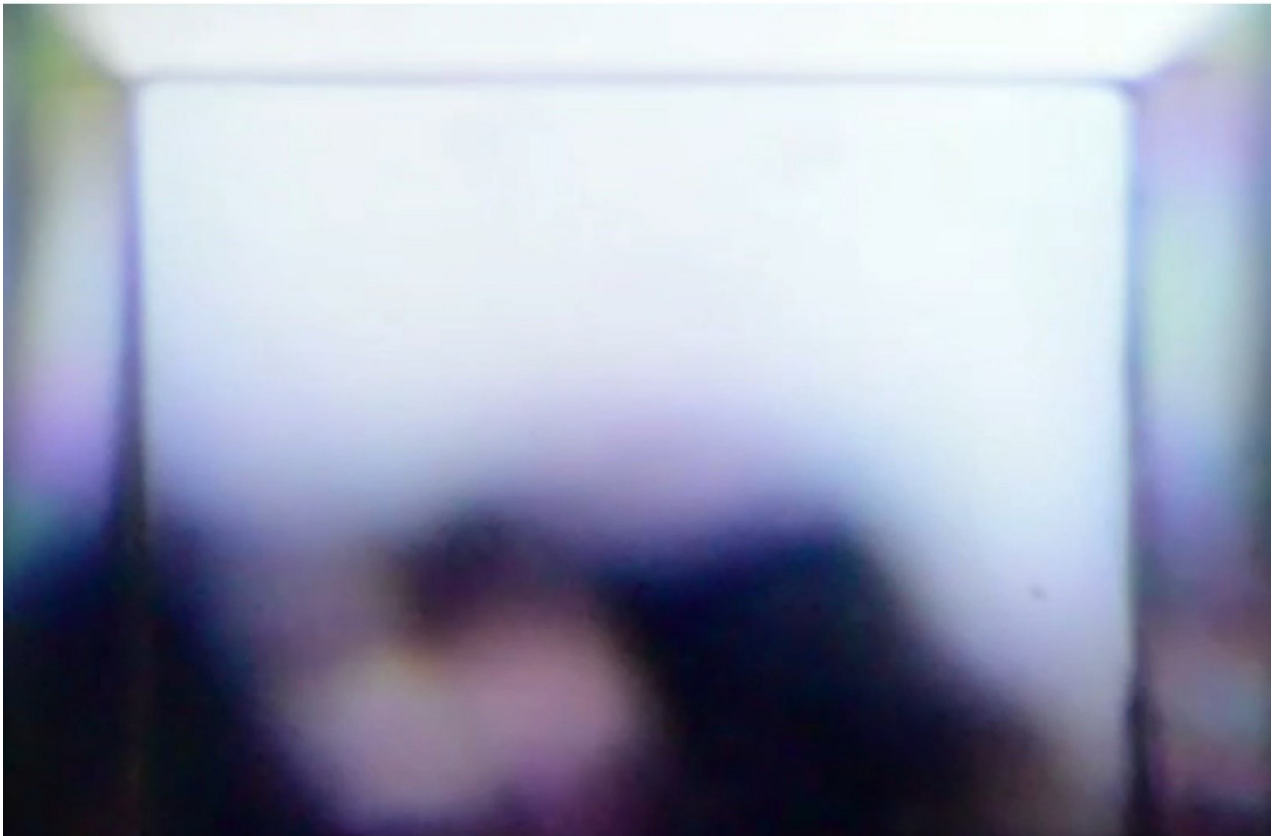
## **Bibliografia**

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009,

DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

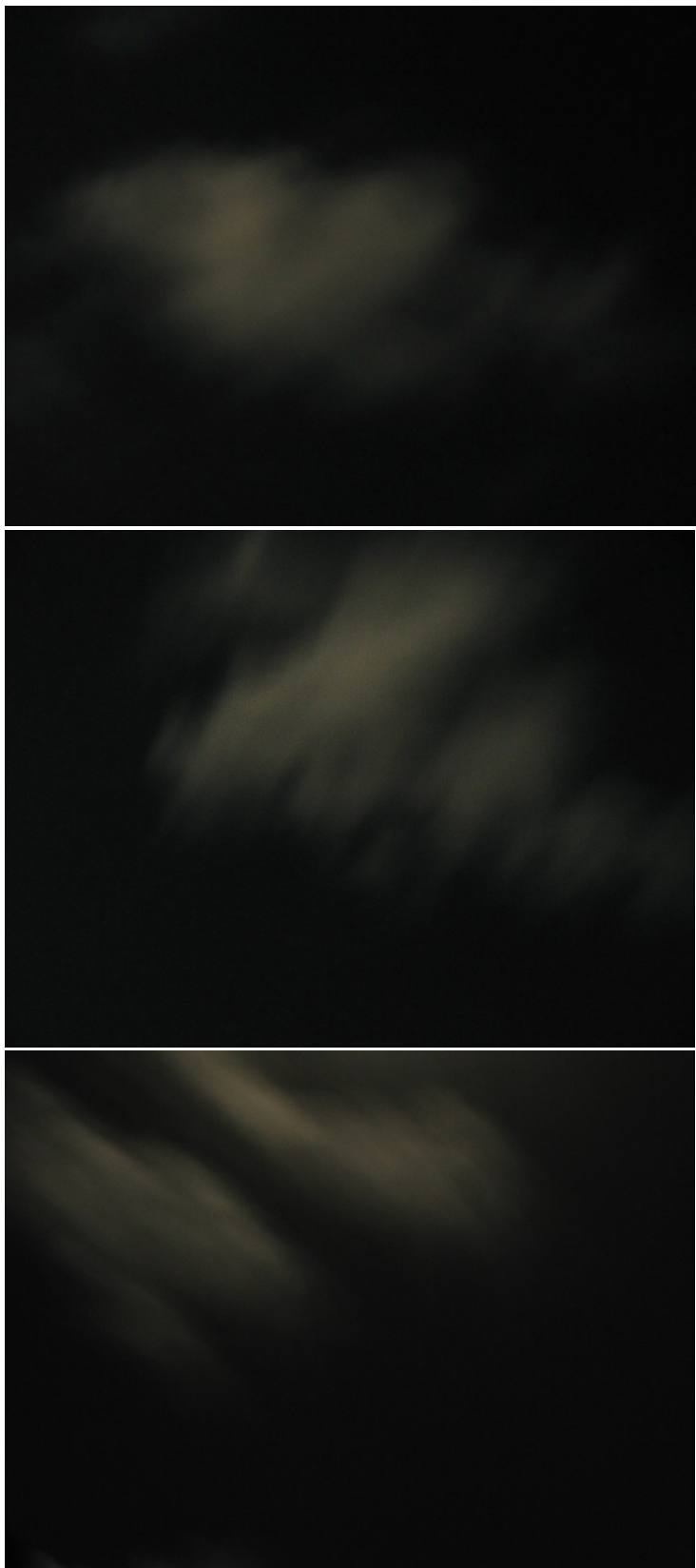
DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante do Tempo: História da Arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015

Adriana Montenegro



MEM; vídeo / vídeo instalação; 0:58'; 2021 e fotografia impressão fine art; 21 x 29,7 cm; tiragem 3; 2021

Alex Araripe



Noturno (tríptico); fotografia, impressão fine art em papel 100% algodão;  
tiragem 3; 35 x 25 cm ,2021



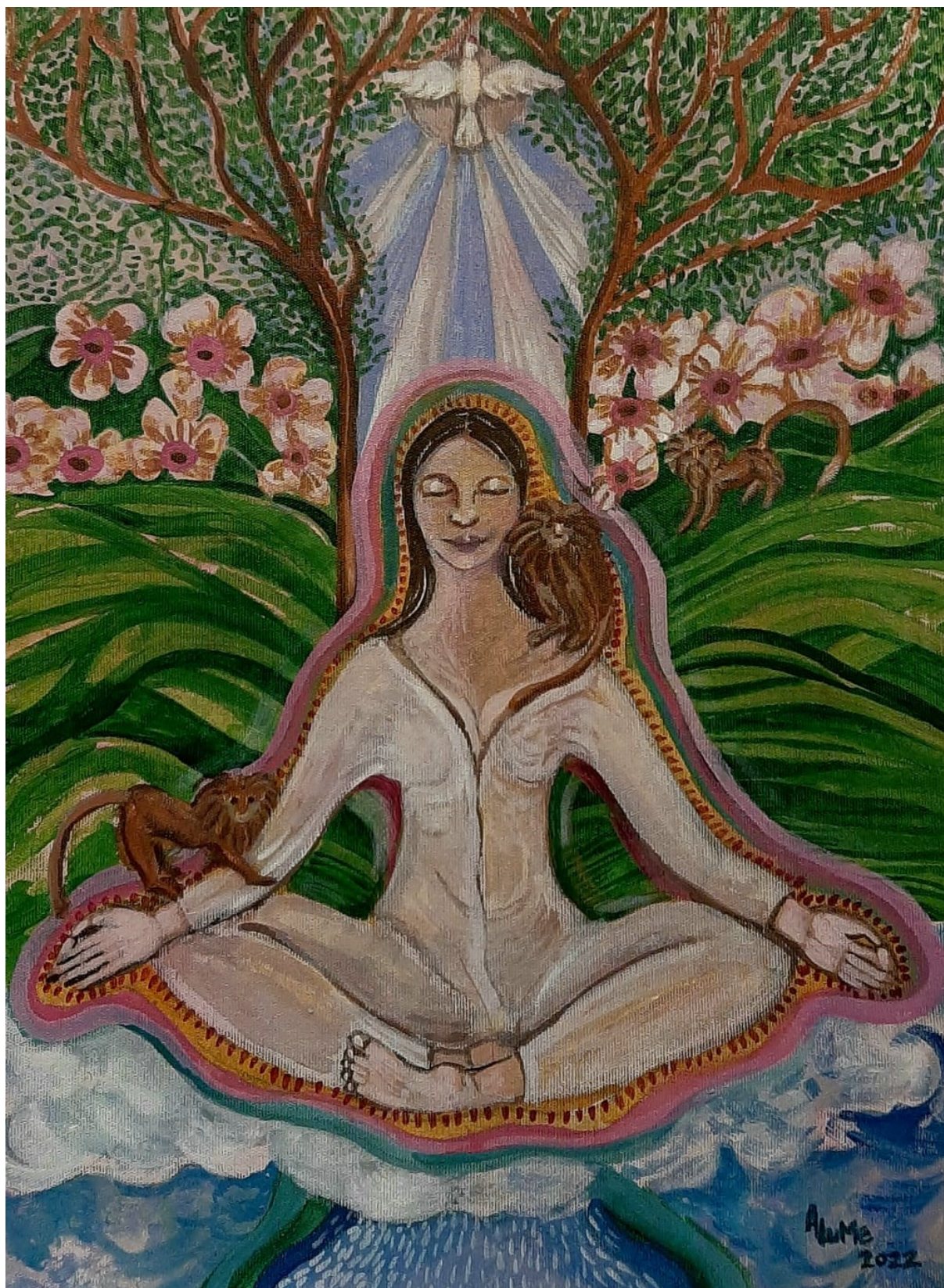
Ana Cristina Teixeira



Pink Phallus; acrílica s/ tela; 130 x 100 cm; 2015



Ana Luiza Mello



Fora do Caos; acrílica s/ tela; 30 x 40 cm; 2022



Ana Morche



Se essa rua fosse minha; acrílica e colagem de tecido s/ tela; 50 x 30 cm (vertical ou horizontal); 2021

Ana Pose



Fênix (Díptico), série Espíritos do fogo; fotografia digital, impressão Jato de tinta em papel fine art; 40 x 60 cm; tiragem 20; 2022



Augusto Herkenhoff



Aniversário de Andy Warhol; acrílica s/ tela; 93 x 135 cm; 2022

Benjamin Rothstein



O Descanso do Cowboy; técnica mista s/ tela; 82 x 112 cm; 2022



Carla Crocchi



Abdução, abstrato; arte digital, impressão s/ tela; 80 x 80 cm; 2022



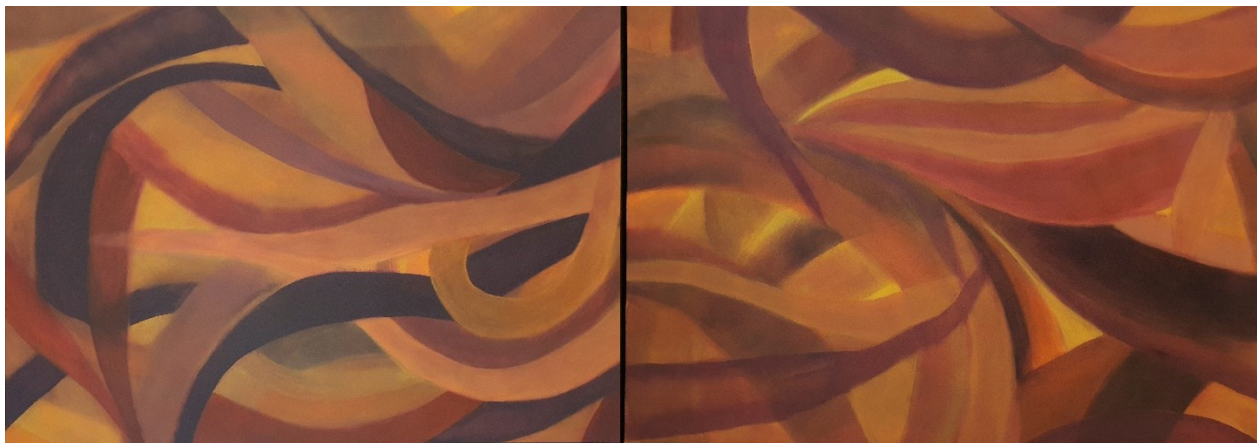
Carmen Givoni



Souvenir; monotipia s/ Canson; 30 x 42 cm; 2022



Celina Noli



Conexão; acrílica s/ tela; 70 x 200 cm; 2022

Cerise E



Sobrevivência; arte digital; 60 x 60 cm; tiragem única; 2022



Cesar Paes Barreto



HÁ, HÁ, HÁ & HÁ; arte digital em smartphone, impressão em canvas Canson matte 395 g, com tintas de pigmento mineral; edição única; formato 80 x 100 cm; 2022



Claudia Tolentino



Só de Us; litografia em preto e verde, aquarelada, s/ Papel Rivers 250g.; 35 x 45 cm (imagem 31 x 33 cm); tiragem 5; 2021



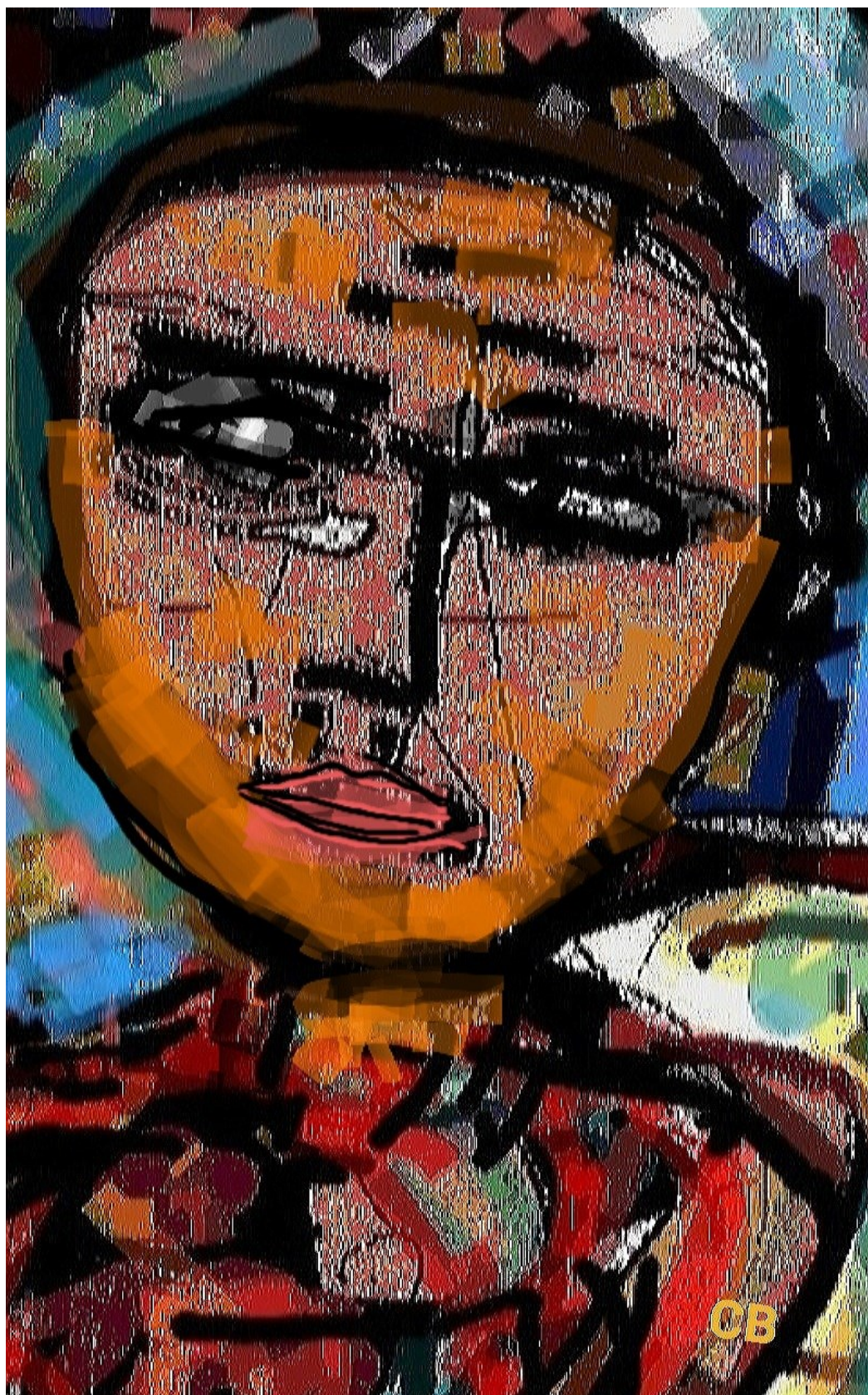
Conceição Durães



Humanizai-vos; arte digital; 59,4 x 84,1 cm; tiragem 1/5; 2022



Cunca Bocayuva



Sentimento do mundo; arte digital, impressão em 300 g.; 30 x 42 cm; 2022



Daniela Santa Cruz



Mer desang; técnica mista s/ tela; 120 x 120; 2021

Daniele Bloris



Sem título, Serie Cores em Preto; Posca s/ Canson; 21 x 29 cm; 2022



Dora Portugal.



Sem título; acrílica e grafite s/ tela; 40 x 30 cm; 2022

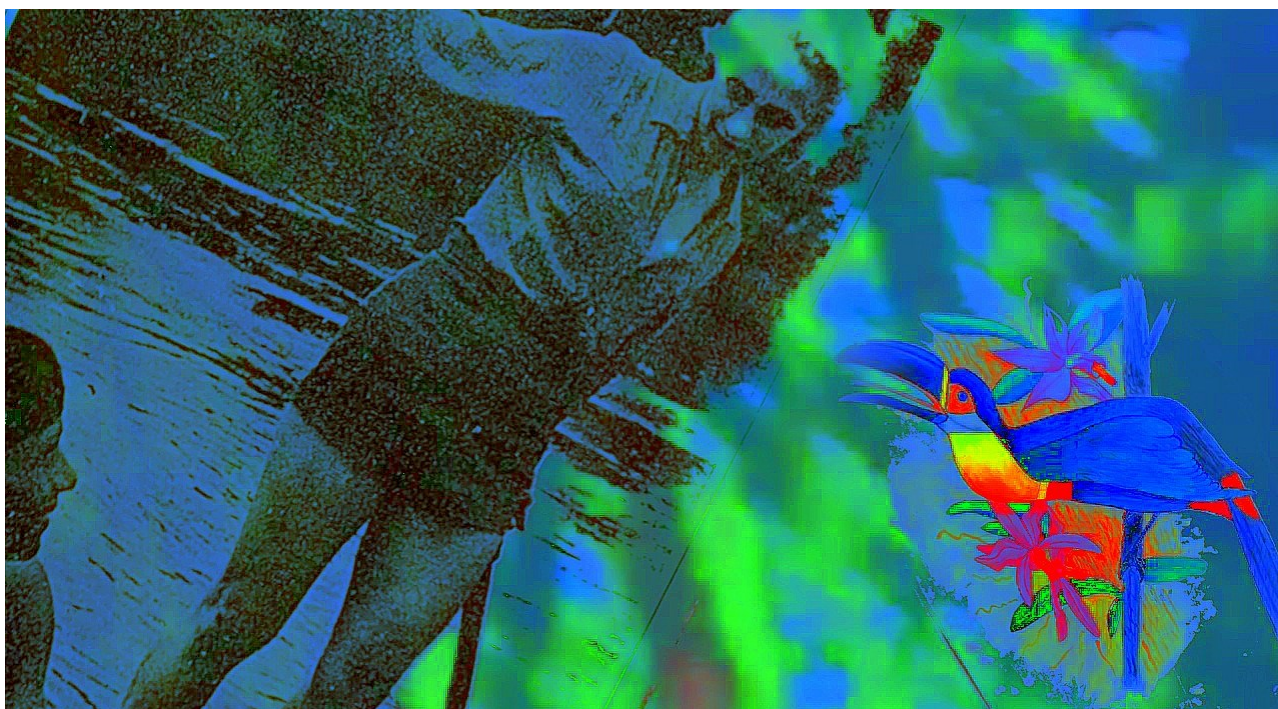


Ecila Huste



Sem título; acrílica s/ papel; 45 x 60 cm; 2020

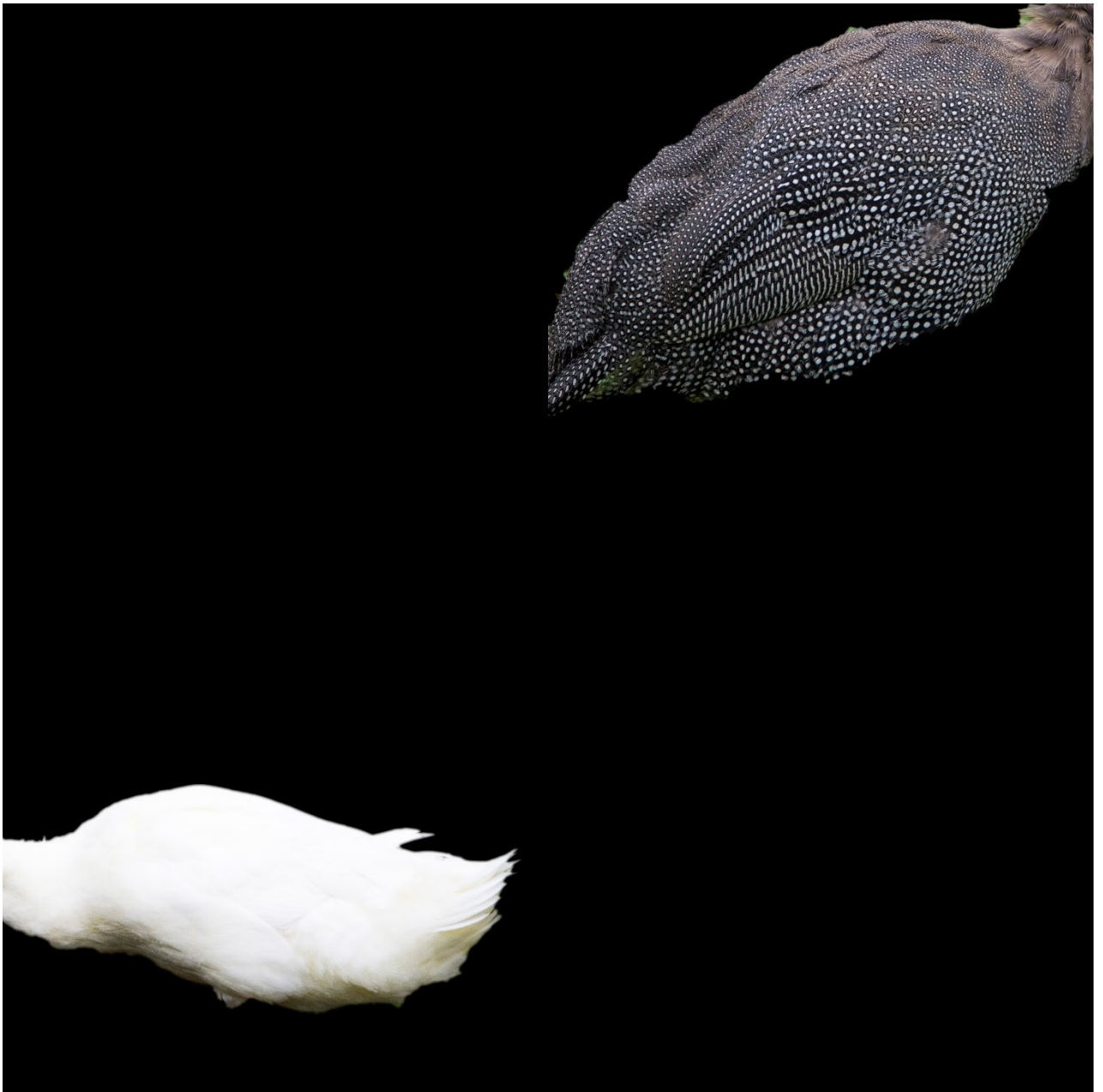
Eduarda Serra Barreto



Okokuri; fotocomposição digital impressão fine arte; tiragem única; 30 x 40 cm;  
2022



Eduardo Mariz



Da percepção do mundo aos pedaços nº 6; fotografia montada impressão fine art emoldurada em caixa de madeira e vidro cristal; 60 x 60 cm; tiragem 1/3 (+ PA); 2022



Francinete Alberton



Sem título, da série Viajantes; fotografia com impressão fine-art em canvas;  
tiragem 5; 45 x 70 cm; 2021

Gilda Lima



Onde estou para ver o que vejo?; fotografia digital impressão fine art em papel de algodão; tiragem 4; 71 x 32 cm



Gloria Conforto



Serie Silêncio; óleo s/ tela; 28 x 35 cm; 2021

Guta Moraes



Pipa nº 5 - Feminina; assemblage; 48 x 48 x 160 (rabiola) cm; 2020



Guto Goulart



Sem título; acrílica s/tela; 70 x 70 cm



Hortensia Pecegueiro



Meu céu é verde; acrílica s/ tela; 40 x 40 cm; 2021



Ilda Fuchshuber Falacio



Mergulho de olhos fechados; acrílica s/ tela; 100 x 110 cm; 2022



Iraceia de Oliveira



Movimento em Diálogo; díptico, articulados em madeira, um em tela com dobradiças e outro em madeira vazado, com dobradiças recoberto com EVA, em preto e branco; em tela 50 x 44 cm, preto/branco 46 x 43 cm; 2015



Isabela Bentes



Saia da bolha; fotografia, impressão em papel fotográfico; tiragem única; 60 x 60 cm; 2020

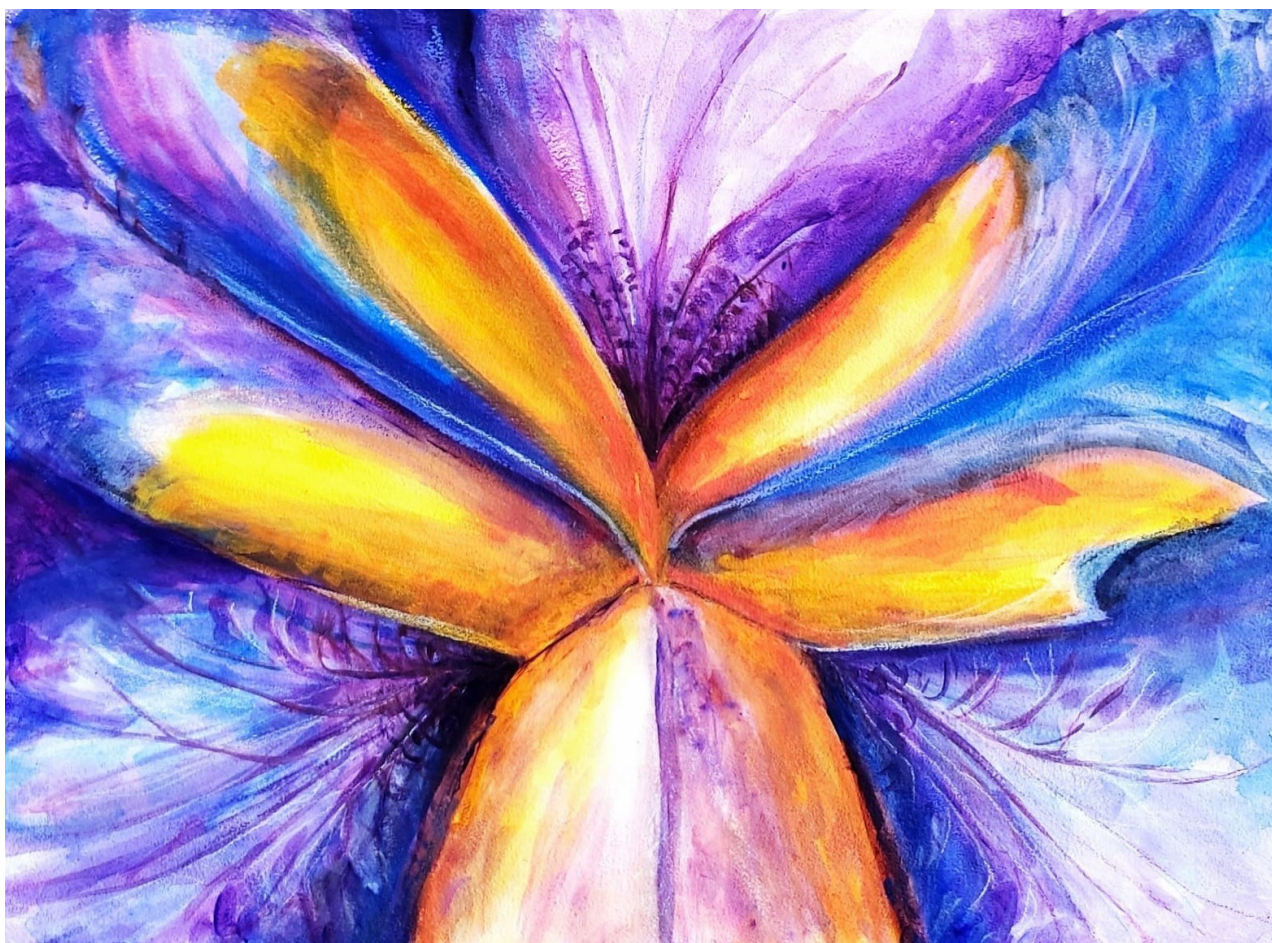
Isabella Marinho



Sem título (díptico); técnica mista s/ papel A3 220g; 30 x 42 cm; 2022

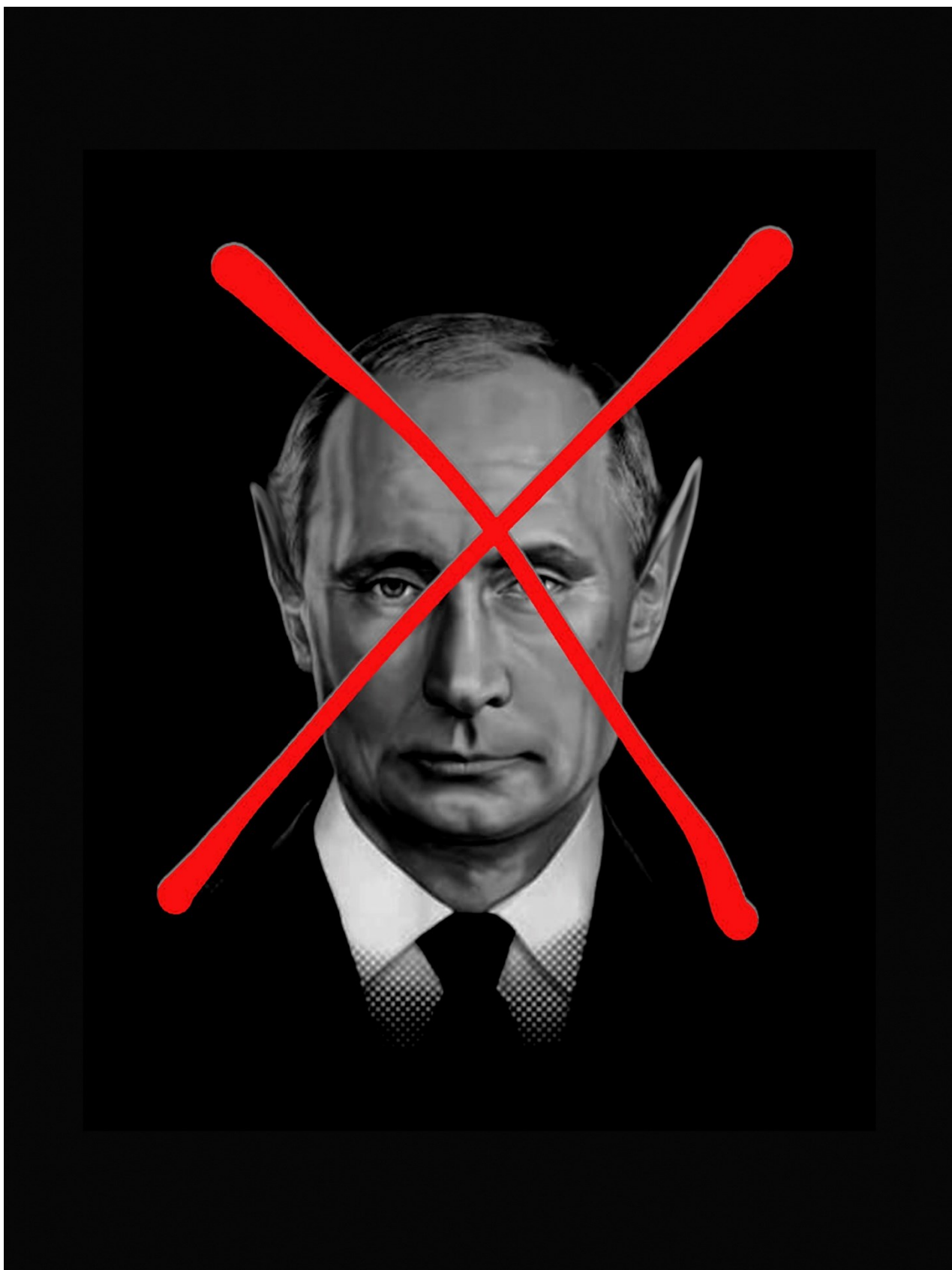


Isis Braga



Flor; acrílica s/ madeira; 40 x 54 cm; 2021

João Saboia



Fora Putin; gravura digital; 30 x 40 cm; tiragem 100; 2022



Jorge Cerqueira



RIMA; aquarela s/tela; 152 x 22 cm; 2022

Jorge Duarte



Lixeira torta; acrílica s/ tela; 46 x 38 cm; 2009



Lando Faria



O.S.I.S.; fotografia, impressão fine art; 60 x 60 cm; tiragem 5; 2022



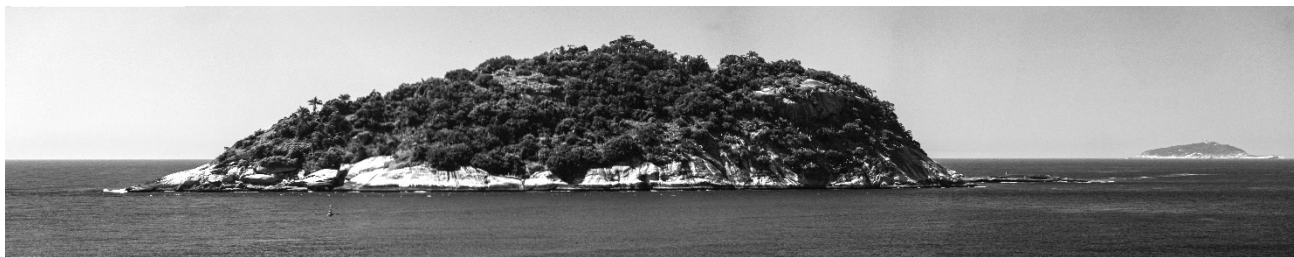
Lena Tejo



Miragem; técnica mista (tecido, barbante e prego); 100 x 50 cm; 2022



Let Cotrim



As ilhas; fotografia digital, impressão em papel fine art Hahnemühle Photorag Baryta 315g acabamento brilhante; tiragem 10; 154 x 30 cm; 2022

Leticia Potengy



Sem título; técnica mista: aquarela e giz de cera; 64 x 25 cm; 2022



Lia do Rio



Ma Montaigne; emolduração de nove imagens fotográficas vistas da minha janela; peça única; 98 x 145 cm; 2015



Liana Gonzalez



Charta Filum; manipulação de papel de propaganda de encarte de jornal, papel de seda, arame fino, cola; 92 x 65 x 16 cm; 2022



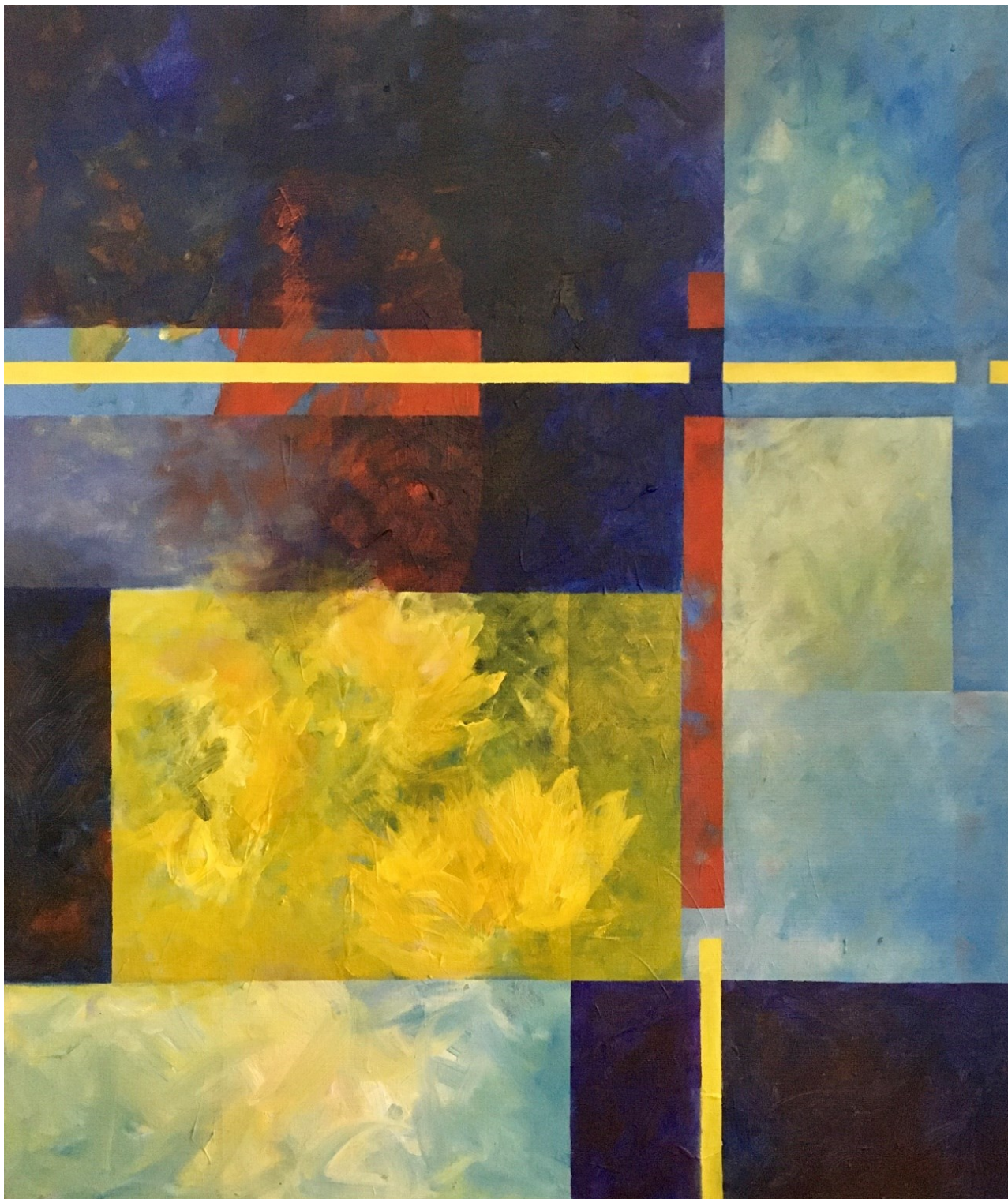
Liane Briand



Árvore da minha vida; técnica mista s/ tela; 92 x 65 cm; 2018



Lizete Zem



Dias de Sol; óleo s/tela; 65 x 55 cm; 2020



Luah Jassi



Rendeiras do Sambaqui; acrílica e carvão s/tela; 100 x 60 cm; 2022



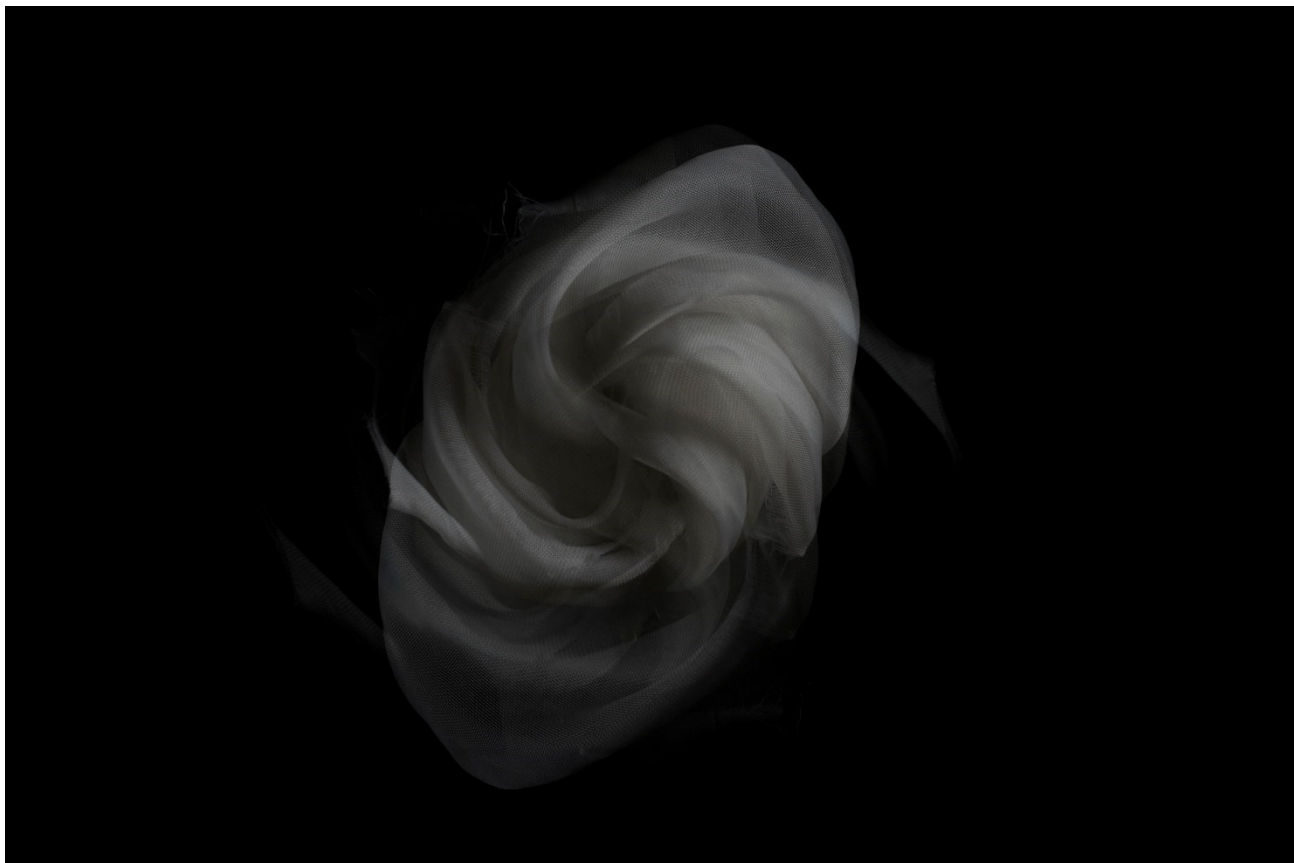
Lucia Lyra



Enquadros; acrílica s/ tela; 60 x 80 cm; 2022



Luciane Villanova



Sem título; fotografia digital impressão em papel Hahnemuhle Baryta Satin  
300g; 40 x 60 cm; tiragem 1/5; 2021

Lucio Volpini



Coleopderia; acrílica e esmalte s/ tela; 78 x 48 cm; 2022



Marcelo Veiga



O dia em que a torre Eiffel fez a Cidade Maravilhosa virar a Cidade Luz; arte digital e colagem s/ papel fotográfico; tiragem 5; 30 x 30 cm; 2022

Marcia Cavalcanti



Sem título; óleo s/ tela; 22 x 34 cm; 2020



Maria Cecília Leão



Sendo Tarsila por alguns instantes (releitura do autorretrato Le Manteau Rouge de Tarsila do Amaral); fotografia digital com impressão em fine art em papel Photo Rag Barita 310 g/m<sup>2</sup>; tiragem 5; 40 x 30 cm; 2022

Maria Veronica Martins



Noites cariocas; aquarela; 30 x 42 cm; 2015



Maria Perdigão



Abstração Floral II, série Abstração Floral; monotypia s/ tela; 35 x 27cm; 2022



Mariza Vescovini



Labirintos; técnica mista acrílica e colagem s/ tela; 106 x 156 cm; 2020



Marta Bonimond



Rosa da Mina; técnica mista: casca de alho, casca de cebola, folhas, pedras, spray dourado s/ madeira; 50 x 80 cm; 2022

Mauricio Tassi Teixeira



O Rio de Janeiro continua lindo; mão livre em computação gráfica; 118 x 84 cm  
(podendo ser impresso em diversos tamanhos); tiragem 10; 2022

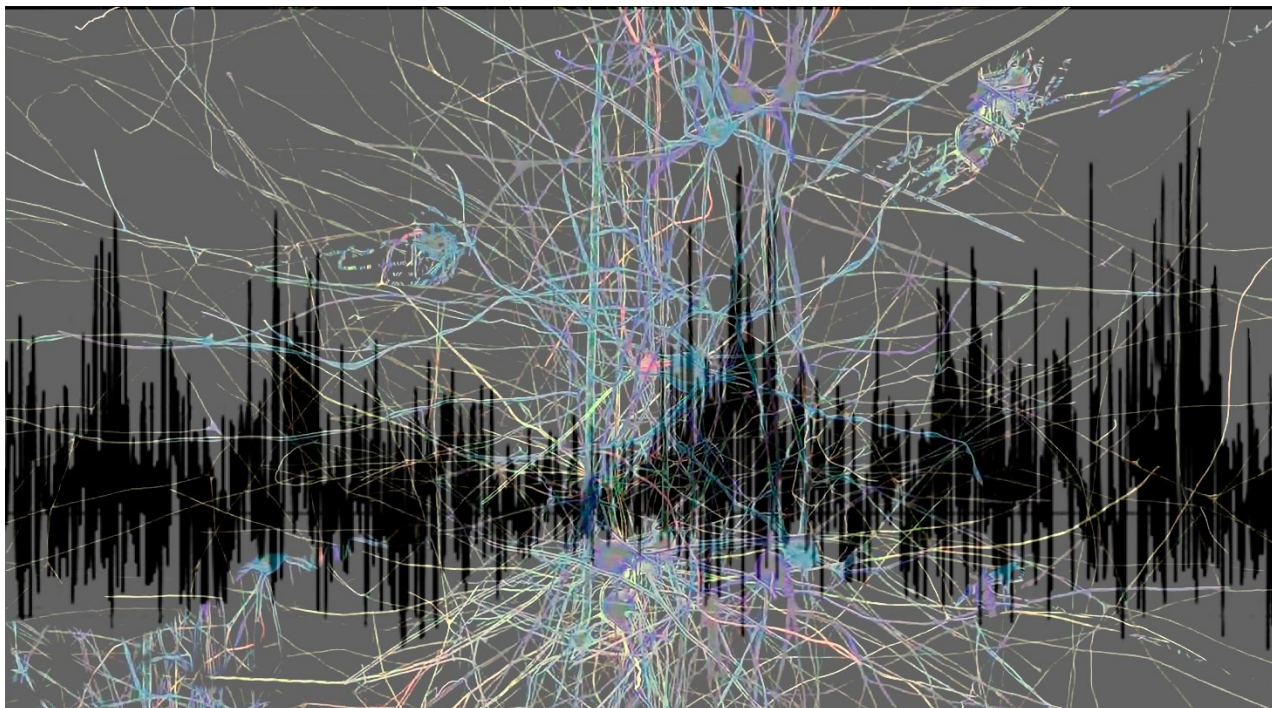


Mauricio Theo



Série Multiverso FEV/2022; fotografia digital; tiragem única; 35 x 35 cm; 2022

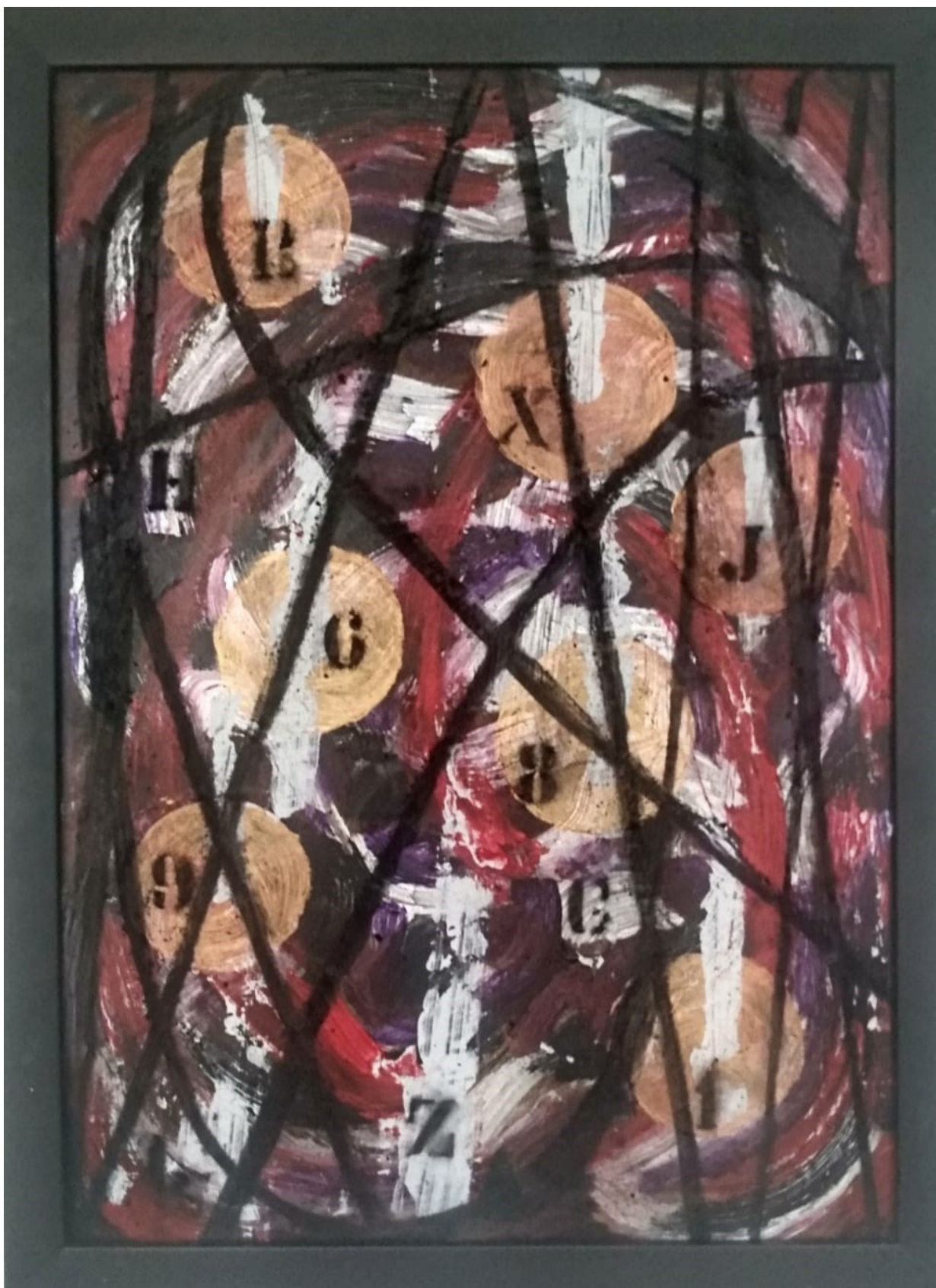
Miro PS



Metrópolis; gravura digital, impressão fine art s/ papel Canson; 50 x 90 cm; tiragem 5; 2022



Nilton Pinho



Sem título; acrílica e carvão s/ Eucatex; 41 x 29 cm; 2022



Nissin Moussatche



Ville à la mer; acrílica s/ tela; 61 x 44 cm; 2021



Paulo Mittelman



Cicatrizes (Scars) 1; fotografia com tratamento digital, impressão em papel Hahnemüle Matt fibre com tintas de pigmento mineral; 60 x 80 cm; tiragem 10; 2016



Regina Helene



Água Viva; cipós, plástico agricultura, flor seca, tecido, toalha de crochê; 240 x 110 x 80 cm; 2021



Regina Moura



Madona; técnica mista, impressão fine art s/ tela; tiragem 3; 50 x 35 cm; 2018



Roberto Negri



Abstrato 007; acrílica s/ tela; 70 x 90 cm; 2021



Rose Aguiar



Vestido de noiva; fotografia digital, impressão em papel algodão; 60 x 40 cm; 2021

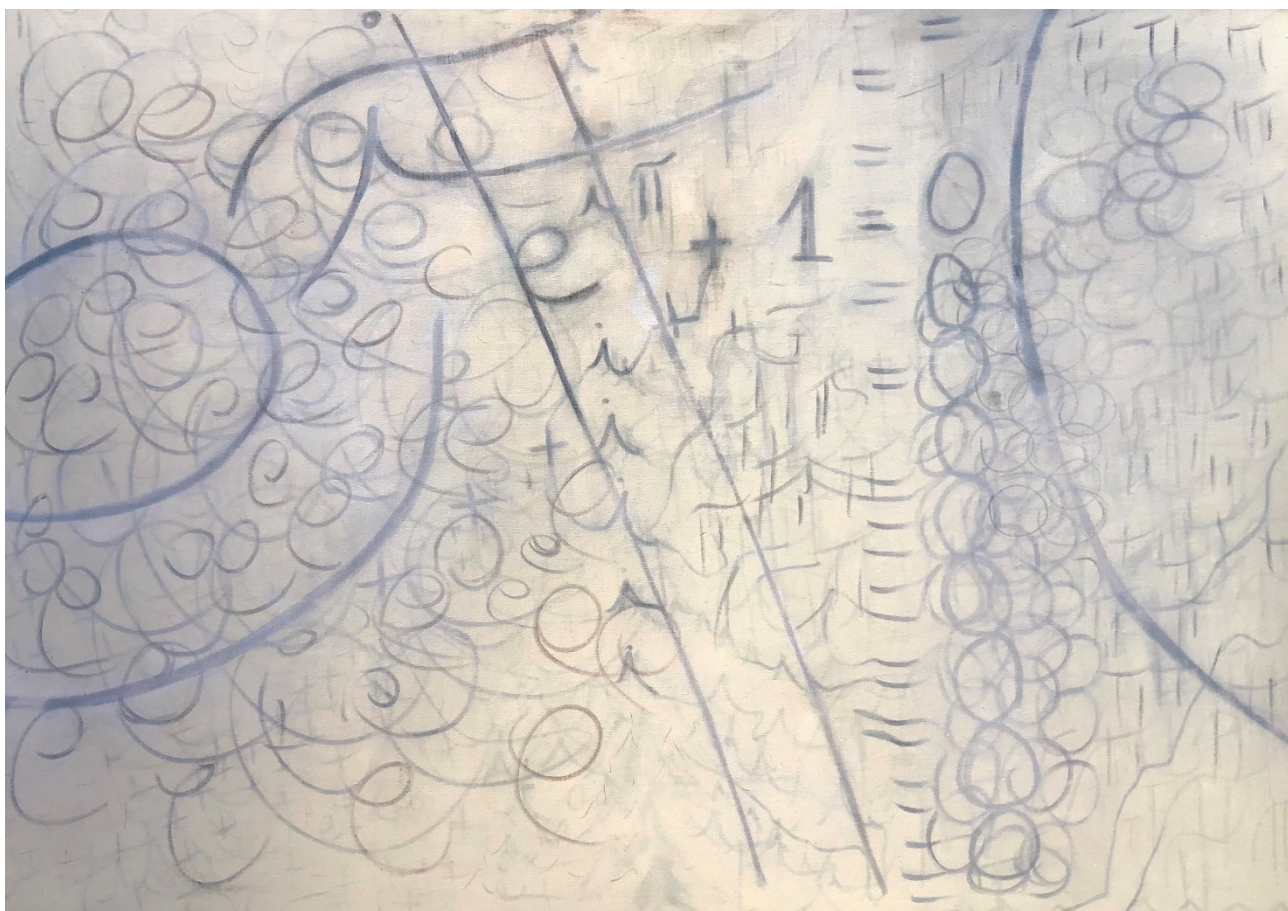
Rose Nobre



Tempestade; acrílica s/ tela; 100 x 170 cm; 2015/2021



Rosi Baetas



Homenagem a Euler; acrílica s/ tela; 62 x 100 cm; 2021

Sandra Macedo



As meninas; nanquim em bastão; 24 x 32 cm (sem moldura); 2020



Sandra Schechtman



Sonho ou pesadelo?; acrílica s/ tela; 60 x 40 cm; 2022

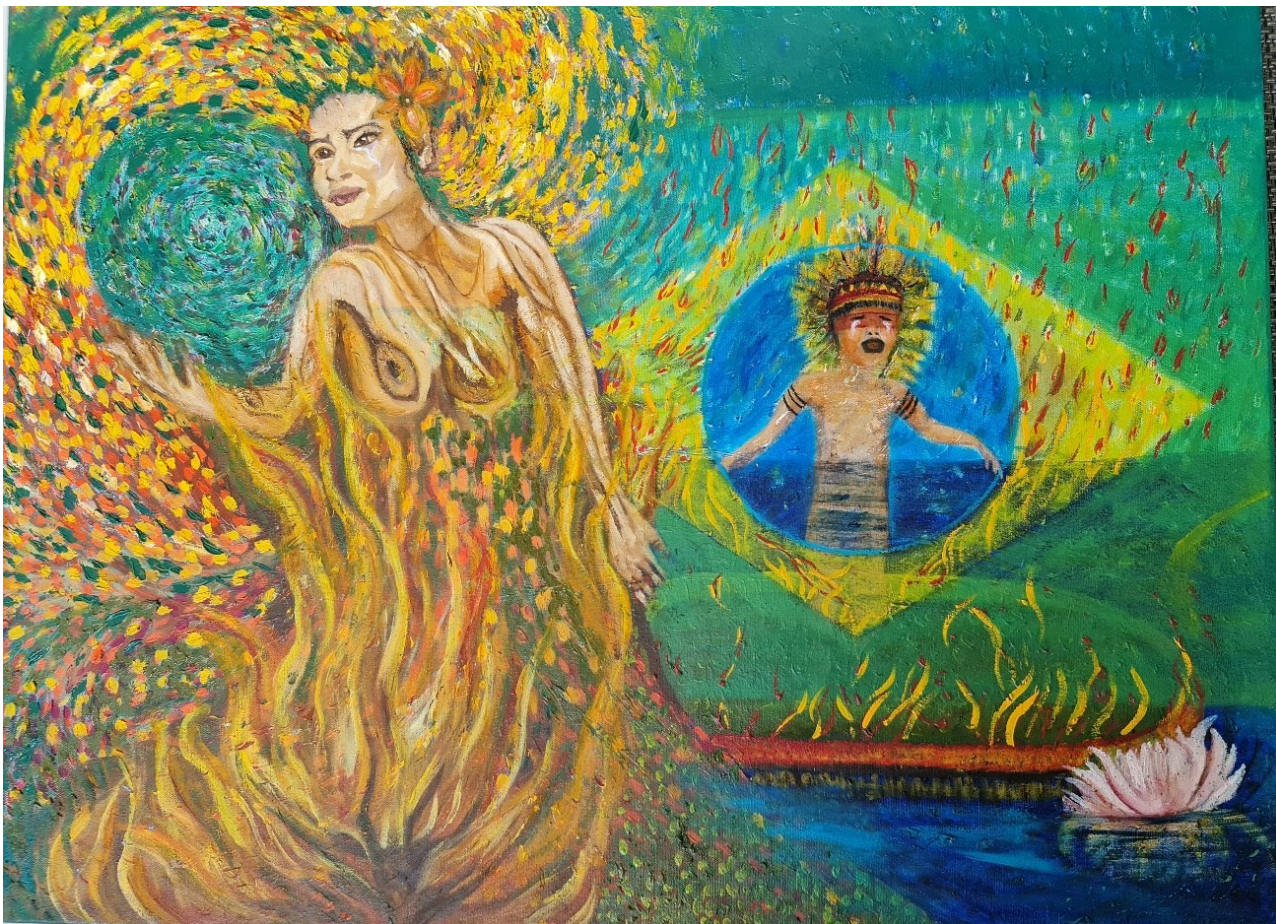
Sergio Graça



Explosão; fotografia impressão fine art em papel Canson Rag Photographique 310g 100% Algodão; 40 x 40 cm; tiragem 5; 2019

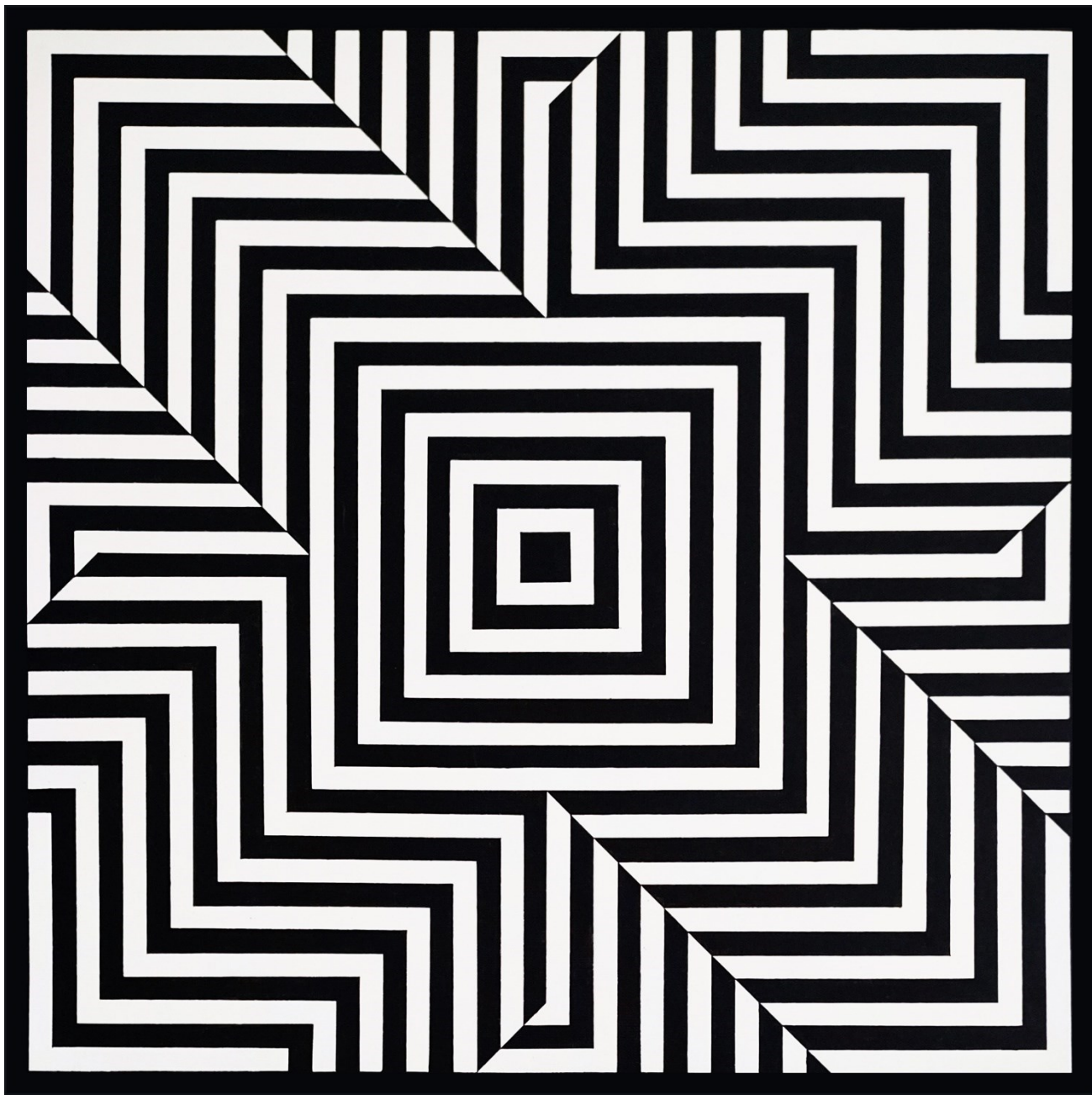


Silvana Godoy Câmara



Mãe Terra, Pachamama, Amazônia; óleo s/ tela; 80 x 60 cm

Sissi Kleuser



Ponto de vista; acrílica s/ tela; 90 x 90 cm; 2021



Tatiana Dauster



Carpororoca Natureza dos Sonhos; técnica mista: Sementes/ Barro / Cascas / Cola; 88 x 23 x 20 cm; 2021



Teresa Stengel



Da série As Camadas do Ser; gravura em metal entrelaçadas com fio de cobre;  
100 x 100 cm; 2022



Teresinha Mazzei



Reviravolta; pintura orgânica mineral; 80 x 90 cm; 2021



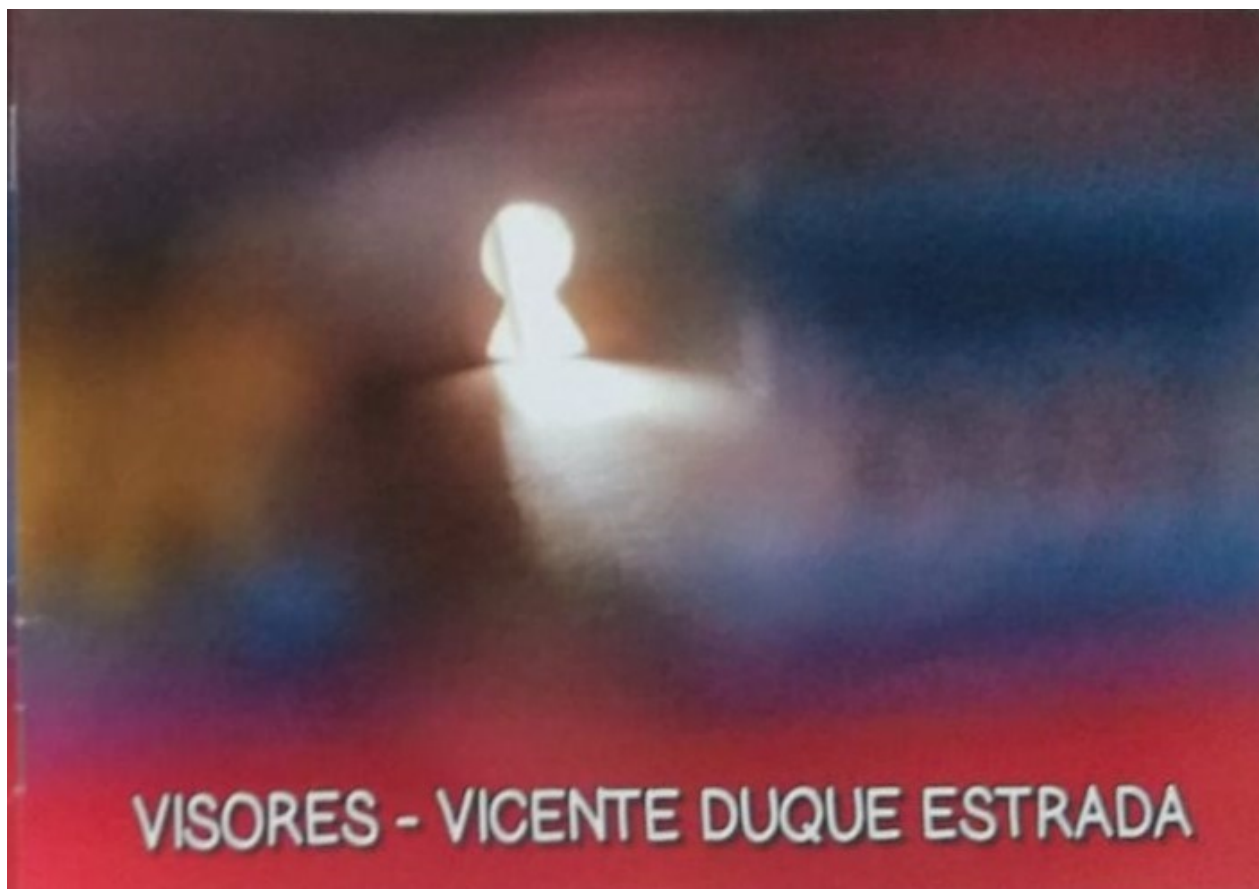
Uiara Bartira



Le paure; tinta spray, pva, acrílica s/ tela; 100 x 80 cm; 2021



Vicente Duque Estrada



Visores; livro de artista; impressão offset papel couchê 150g 26 páginas;  
tiragem 1/50; 13 x 18 cm; 1994-2022

Vitória Sztejnman



Série Tangram - Olhe nos Olhos; desenho com lápis cera s/ tela; 40 x 50 x 02 cm; 2022